

A CONTRIBUIÇÃO DAS LEITURAS DO PIBID PARA NOSSA (AUTO)FORMAÇÃO ENQUANTO MEDIADORES DE LEITURA

Fernanda marques Fernandes
Graduanda e bolsista PIBID/Pedagogia/CAMEAM/UERN
Fernanda.mf1@hotmail.com

Ildivânia Dalines Araújo
Graduanda e bolsista PIBID/Pedagogia/CAMEAM/UERN
Email: ildivaniad@hotmail.com

Iasnaia Kadidja Torres Ferro
Graduanda e bolsista PIBID/Pedagogia/CAMEAM/UERN
E-mail: kadidja15@hotmail.com

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra
Orientadora e coordenadora de área do PIBID/CAMEAM/UERN
E-mail: kekesoares@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho foi elaborado a partir das leituras realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID que tem como Título de Subprojeto: **Mediadores de leitura e de textos em processos de (auto) formação**. Tendo como enfoque principal analisar em que o repertório de leitura estudado no Programa contribuiu para o processo de (auto) formação enquanto mediadores de leitura, entrevistando, duas bolsistas do Programa, para que as mesmas falassem sobre a importância da leitura para o desenvolvimento de uma criança. O método de pesquisa utilizada foi a descritiva e a qualitativa. O estudo teórico foi embasado em autores como Martins (2007), Pennac (2011), Villardi (1999), entre outros, cujas discussões foram relevantes para a realização desse trabalho. O ato de ler, portanto, é um processo de interação entre o leitor e o que foi lido, por meio de informações significativas, este ato deve ser instigado desde muito cedo nas crianças para que assim se torne algo prazeroso.

Palavras-Chaves: PIBID. Leitura. (Auto) formação de leitores.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi elaborado a partir das experiências de leituras vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID que tem como Título de Subprojeto: **Mediadores de leitura e de textos em processos de (auto) formação**. As discussões foram contribuintes não só para a nossa (auto) formação, mas também pra nos

fazer refletir sobre a real importância da leitura, como algo prazeroso e transformador, pois ela acaba embalando a vida de todos que se predestinam a navegar no seu encantado universo.

Tivemos o intuito de analisar em que o repertório de leitura estudado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID contribuiu para o processo de (auto) formação enquanto mediadores de leitura, entrevistando duas bolsistas do Programa, onde um dos questionamentos foi o que seria formar leitores para a vida, e as mesmas acreditam que é necessário inicialmente que seja despertado o gosto pela leitura e não apenas o hábito, para que o leitor seja capaz de dialogar com o texto e com o autor, criando suas próprias concepções e posicionando-se criticamente diante do que foi lido, desta forma, serão formados leitores para a vida.

Embasamo-nos em autores como Martins (2007), Pennac (2011), Villardi (1999), Cervo e Bervian (2002) e Oliveira (2008), sendo que as discussões apresentadas por esses autores foram de extrema importância para a realização desse trabalho. A leitura é algo incrível e extraordinária, a qual apresentada às crianças de uma boa maneira as faz descobrir que por traz dela existe um mundo encantado, e que para ser descoberto só é necessário usar a imaginação.

REFLEXÕES SOBRE LEITURA: UM POUCO DE TEORIA

Por meio das experiências de leituras vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID que tem como Título do Subprojeto: **Mediadores de leitura e de textos em processos de (auto) formação**, nós enquanto discentes do curso de pedagogia tivemos a oportunidade de conhecer as concepções de autores como Martins (2007), Pennac (2011), Villardi (1999) que trazem reflexões pertinentes sobre leitura, desenvolvimento do gosto pela leitura, formação de leitores. Tais cogitações são imprescindíveis para a edificação de leitores para a vida.

O mundo da leitura é algo tão extraordinário que nos faz mergulhar em um universo totalmente novo e encantador, onde as palavras ganham formas e se transformam em coisas, pessoas, sentimentos, lugares, enfim, nos levam para uma viagem sem fronteiras e com um único destino: o conhecimento. O verdadeiro leitor poderá então compreender, que será nas páginas de um livro onde as suas curiosidades e indagações serão respondidas, permitindo ao mesmo tempo o surgimento de novas perguntas, constituindo um ciclo sem fim, porque afinal, a cada dia aprendemos novas lições.

A leitura então ganha sentido, torna-se algo prazeroso e transformador, ela acaba embalando a vida de todos que se predestinam a navegar no seu encantador universo. Os significados são atribuídos para que haja uma melhor compreensão do mundo e das diversidades que permeiam nosso dia a dia.

Com a leitura de Martins (2007) pudemos constatar que ao falarmos de leitura logo temos em mente a leitura de livros, jornais e o mais comum é pensarmos na leitura de livros. Geralmente o ato de ler está relacionado à escrita e a decodificação de palavras, porém, vale ressaltar que a leitura vai muito, além disto, quando, por exemplo, lemos o olhar de alguém, ou o tempo/espaço. Outra característica interessante da leitura está na forma com que a descobrimos em cada momento, muitas vezes lemos superficialmente um texto escrito e depois, ao lermos com mais atenção percebemos características ou informações mais aprofundadas que antes não tínhamos percebido ou não tínhamos dado interesse.

Partindo desse pressuposto, a autora nos faz refletir sobre a importância de conferir significado a tudo que está ao nosso redor, estabelecendo ligações que dão sentido a algo que antes não tinha nenhum valor, e essa atribuição de sentido deve acontecer também no ato de ler, “não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia uma necessidade nossa”. (MARTINS, 2007, p. 9)

Neste aspecto, há uma necessidade de desenvolver uma relação afetiva entre o que se lê e o leitor de tal forma que, a comunicação entre ambos ultrapasse o simples ato de decodificação e passe a constituir uma atividade impregnada de sentido e significado. Esta forma de articulação possibilitará ao leitor uma interpretação do contexto no qual se encontra inserido como também, a elevação de sua autonomia.

No decorrer de nossa formação docente estamos sempre a buscar novas concepções para buscar entender esse mundo da leitura. Analisamos metodologias que possam tornar o ato de ler algo prazeroso e não obrigatório tudo isso com um único objetivo: contribuir para que haja em nossa sociedade indivíduos que adotem a leitura como aliada inseparável, leitores capazes de enxergar muito além daquilo que está posto nas linhas de um livro.

Sobre esta convicção de compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade Villardi (1999, p. 4) enfatiza que:

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se

constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Indiscutivelmente a leitura cria situações favoráveis para a construção de cidadãos reflexivos e autônomos, possibilita a construção de um conhecimento inovador indispensável para um convívio social harmonioso no qual os sujeitos possam trocar experiências, saberes, e concretizar a ideologia de que se aprende coletivamente de forma mútua e unida, assim, a autora se utiliza das palavras de Paulo Freire ao dizer que: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE *apud* Martins, 2007, p. 12)

Deve-se, portanto, expandir a leitura para que esta transcenda as paredes das escolas, as páginas dos livros e alcance o maior número de pessoas possíveis, chegando aos mais remotos lugares, e trazendo para todos os benefícios que somente o ato de ler pode oferecer, descobrindo que o mundo vai além do que olhos podem ver, e essa visão mais ampliada será adquirida quando nós realmente nos tornarmos leitores da vida.

Desenvolver o gosto pela leitura é atualmente um dos grandes desafios que enfrentamos na sala de aula e isso se deve pertinentemente a forma como a mesma vem sendo trabalhada nas práticas pedagógicas, que na maioria das vezes é repleta de obrigatoriedade e sem nenhum significado para quem lê.

Na antiguidade o ato de ler era privilégio da minoria - predominantemente a classe alta, era meramente mecânica e formalista, na qual, seus vestígios são perceptíveis até a atualidade, por profissionais que não buscam refletir e inovar suas práticas e tampouco sua formação, impossibilitando os seus educandos de compreender o verdadeiro sentido da leitura e o seu papel na vida do indivíduo, dentro do convívio social. É importante destacar as sábias palavras da autora ao frisar que nenhum método de alfabetização leva a existência de leitores eficazes, pois a maioria das pessoas limita o ato de ler apenas a uma exigência.

Desta forma, Martins (2007) apresenta os reflexos dessas práticas mecânicas que resultou na “crise” que afeta a leitura:

Para abrir perspectivas que minimizem esses problemas muitos educadores apregoam a necessidade da constituição do hábito de ler. A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denomina na "crise de leitura". Mas que "crise" é essa? Para eles, em maioria, ela significa a ausência de leitura de texto escrito,

principalmente livros, já que a leitura num sentido abrangente está mais ou menos fora de cogitação. (MARTINS, 2007, p. 25)

Diante disso, fica evidente que essa é uma preocupação pertinente a todo educador e requer uma mudança profunda em muitos aspectos, a autora vem trazer alguns fatores que geram essa situação e destaca que, a limitação do ato de ler somente na escola e ao livro didático acaba inibindo o gosto pela leitura, uma vez que, os alunos têm acesso a textos escritos conservadores que transmitem uma visão distorcida das ideologias dominadoras. Outro aspecto alarmante em nossa realidade nacional se refere aos termos de publicações, de destruição e venda de material impresso, incluindo-se a falta de bibliotecas e conseqüentemente, a escassez de leitores.

Tal crise assinalada vai muito além do fato de não termos material para ler, engloba também a questão do contexto social e econômico do nosso país, incluindo também que, a própria constituição do sistema de ensino brasileiro apresenta lacunas que fomentam essa ineficiência de formar leitores:

A questão é mais ampla e complexa: vem da precariedade de condições socioeconômicas e se espalha na ineficiência da instituição escolar, determinando e limitando opções. Sem dúvida, a concepção que liga o hábito de leitura apenas aos livros deve muito à influência, persistente no nosso sistema educacional, de uma formação eminentemente livresca e defasada em relação à realidade [...]. (MARTINS, 2007, p. 27)

Para mudar essa realidade precisamos despertar desde cedo em nossos alunos o verdadeiro gosto pela leitura, incentivando a formação de leitores críticos capazes de transformar o meio em que se encontram inseridos através do conhecimento adquirido pelo ato de ler. Nesta perspectiva, a escola possui uma grande influência na formação desses leitores, devendo se conscientizar de que é um ambiente propício para esta prática, tendo em vista que na maioria das vezes, ela é o único espaço de acesso aos livros.

O nosso desafio é, portanto, fazer com que o ato de ler se torne algo frequente, estando incorporado no dia a dia das pessoas como uma forma de alargar os horizontes e atribuir sentido a vivência humana. Neste aspecto, Villardi (1999, p. 10) enfatiza que “[...] para que tenhamos um cidadão capaz de incorporar a leitura às atividades de seu cotidiano [...] só ocorre se a leitura for vista não como um cumprimento, mas como um espaço privilegiado”.

Todo educador precisa tomar consciência de que a leitura deve ser um ato espontâneo no qual o leitor se debruça em escritos que lhe trazem algum sentido, em leituras que despertam seu interesse, que permite formar uma relação de intimidade, um “romance” como diz Pennac (2011) entre o leitor e o livro.

Compreende-se que para desenvolver tal faceta exige-se em primeiro lugar admitir que a leitura seja algo gratuito, realizado sem cobranças. Não está correto delimitar o ato de ler às obrigações casuais das atividades escolares, ou simplesmente impor que a mesma seja realizada sem significado ou sentido.

Para se formar um bom leitor é preciso estimular o desejo de aprender, somente assim, o gosto pela leitura se tornará presente. Diante disso, fica incumbido a nós enquanto educadores, reconhecermos que é preciso tornar o que é visto como uma obrigação em algo prazeroso, colocando a leitura como ponte de interação entre o leitor e o mundo, vivenciando momentos únicos que tornam nosso espírito mais crítico. Sendo assim, Pennac destaca que para:

Estimulem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanhem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer [...].
(PENNAC, 2011, p. 48)

Sendo assim, fica cada vez mais evidente que o ato de ler deve ser gratuito e prazeroso para que o sujeito não crie um hábito apenas pela obrigatoriedade e sim como uma atividade impregnada de sentidos. Para se incorporar a leitura no cotidiano de qualquer pessoa é preciso que a mesma seja vista como espaço privilegiado, que permite refletir o mundo, já que muitas vezes é por meio da leitura que são desenvolvidas infinitas habilidades como: o estímulo de um senso crítico, imaginação, interpretação, entre outras.

Evidenciamos que a responsabilidade de formar verdadeiros leitores dentro da dinâmica frenética do nosso dia a dia é um desafio que prevalece dentro e fora da sala de aula, onde se faz necessário enraizar em nossas crianças o gosto e o prazer de ler, de desvendar o mundo da leitura, procurando construir a sua própria autonomia e despertar as suas emoções e sentimentos.

A leitura em sua amplitude também pode ser compreendida como um ato de comunicação, um objeto de compartilhamento onde as pessoas se relacionam de forma

harmoniosa e essa inter-relação permite que sejam disseminados os conhecimentos adquiridos no ato da leitura, tornando-se algo encantador, uma vez que, partilhando, somamos novos aprendizados.

Expandindo a concepção de que ler é uma experiência que adquirimos no decorrer de nossa vida, a mesma contribui de forma significativa para a formação de indivíduos mais críticos, e que por isso, o livro em toda sua grandiosidade deve ser colocado como o passaporte, o bilhete de partida para um mundo cheio de descobertas e encantamentos. É nesse mundo da leitura onde as crianças e adultos irão entender e compreender o verdadeiro sentido de se viver, da necessidade de se relacionar com outro e até mesmo compreender como se dá a verdadeira aprendizagem.

Desde muito cedo a criança deve ter contato com a leitura para que ela possa ir se familiarizando com esta prática, pois a mesma, para começar a ler precisa da mediação do professor, mas se ela já tiver algum contato com a leitura seu aprendizado acontecerá muito mais rápido e de modo prazeroso diante da convivência com o mundo literário.

Na concepção de Martins (2007), aprender a ler denota saber fazer a leitura de mundo, é dar significado a ele e a nós mesmos, nesse contexto, o papel do educador não seria apenas ensinar a ler, mas deveria propiciar condições para que o educando construa sua própria aprendizagem de acordo com as suas necessidades e o contexto no qual está inserido. Cabe ainda ao educador dialogar sobre a leitura com o educando, mostrando qual a importância e as contribuições que esta leitura traz para a vida e o processo de aprendizagem do mesmo.

O papel do educador dentro do processo de leitura do educando, é, portanto, mediar a leitura e também o conhecimento em geral de forma que venha a atender as necessidades deste e do seu contexto, devendo usar o diálogo como um dos seus principais instrumentos para a elucidação da importância de se trabalhar com a leitura e o que esta tem para nos proporcionar, enquanto educando.

A leitura de livros se torna um ato cada vez mais difícil nos dias atuais, já que somos tomados pela tecnologia e os jovens e crianças estão se tornando cada vez mais dependentes do meio tecnológico. Seguindo esta concepção Pennac (2001, p. 7) vem nos dizer que o ato de ler é muito mais interessante, pois, “na leitura é preciso imaginar [...] a leitura é um ato de criação permanente”.

Com a leitura podemos imaginar a situação lida, nos imaginarmos no lugar dos personagens e viajar para lugares que jamais tivemos a possibilidade de estar, por isto, o ato

de ler se torna uma criação permanente, pois nos faz despertar a imaginação e a criatividade, possibilitando de forma espontânea a interação do leitor com o mundo literário.

A leitura deve ser algo prazeroso, de forma que a pessoa que está diante do objeto a ser lido sinta-se despertado pela curiosidade e o desejo de lê-lo, para que a leitura possa se tornar algo concreto e agradável, levando o indivíduo a lê-lo até sua última página e buscar entender a mensagem e as informações contidas sem que o leitor se sinta esgotado, já que a leitura sem prazer traz a sensação de insatisfação e geralmente é realizada apenas por obrigação, não despertando nenhum objetivo a não ser, o da obrigatoriedade.

Portanto, o ato da leitura é uma experiência para ser vivida com prazer, ou seja, solta, sem cobranças, mas pelo simples fato de dançar com as palavras, realizada por pura vontade, sem explicações ou cobranças. Ler pelo simples gosto de ler.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de pesquisarmos sobre as contribuições adquiridas através das leituras realizadas no PIBID para nossa (auto) formação enquanto mediadores de leituras nos utilizamos da pesquisa de cunho qualitativo. Compreendemos que esta é uma fonte direta de dados retirados do ambiente natural, no qual, possui como principal instrumento o pesquisador, verifica-se que a mesma é uma pesquisa descritiva em que os investigadores se detêm mais aos processos do que o resultado, onde os dados são analisados de maneira indutiva, dando mais importância aos significados. Assim compreende-se a pesquisa qualitativa como um:

[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicações de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, Maria Marly. 2008 p. 37)

Desta forma, na pesquisa qualitativa, nós enquanto pesquisadores, observamos, descrevemos, analisamos, recolhemos dados e correlacionamos fatos e fenômenos, a fim de descobrirmos sua relação e sua ligação com os outros e com o contexto natural, buscando conhecer as mais distintas relações e situações que ocorrem na vida social, política, cultural entre todos os aspectos individuais ou coletivos.

Dentre os tipos de pesquisa qualitativa (bibliográfica, experimental, estudo de caso, exploratória, documental, participativa, etnográfica, pesquisa-ação e exploratória), optamos pela pesquisa descritiva, pois esta busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social. Vale ressaltar que a mesma assume a forma de uma pesquisa de opinião, onde procuramos saber o ponto de vista e preferências das entrevistadas acerca do tema foco do nosso trabalho.

O tipo de instrumento de pesquisa escolhido foi o questionário, pois este pode ser definido como uma técnica usada para obter informações ou dados relacionado a determinados assuntos. Segundo Cervo e Bervian (2002, p. 48) o questionário corresponde a “[...] um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central”. Vale ressaltar que o mesmo deve ter um caráter impessoal que garanta uniformidade da situação pesquisada, permitindo aos seus informantes que sua identidade seja preservada.

Assim, entrevistamos duas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que tem como Título do Subprojeto: **Mediadores de leitura e de textos em processos de (auto) formação** do curso de pedagogia da UERN/CAMEAM com o intuito de analisar em que o repertório de leitura contribuiu para o processo de (auto) formação enquanto mediadores de leitura.

RESULTADOS

A partir das discussões teóricas desenvolvidas no PIBID acerca da formação de leitores questionamos as bolsistas quais as suas concepções de leitura e qual o papel que o professor deve assumir como mediador deste processo, onde, de acordo com as respostas constatamos que ambas concordam que a leitura é uma concepção ampla, indo além da decodificação de palavras, contribuindo para a formação de um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das diversidades sociais. Referente ao papel do professor as mesmas destacam que é imprescindível a mediação efetiva neste processo, pois cabe a ele estimular e instigar o gosto pela leitura, permitindo ao aluno conhecer esse universo literário.

Outro aspecto que foi elencado no questionário está relacionado às contribuições que o aporte teórico do PIBID trouxe para formação enquanto discentes do curso de pedagogia e para a construção da identidade profissional. As bolsistas destacaram a relevância destas leituras na sua prática dentro do contexto escolar no qual estão atuando através do programa, como relata uma das bolsistas: “[...] As discussões do texto trabalhados no PIBID tem fortalecido o nosso repertório de leituras e tem nos dado o embasamento para atuarmos com

mais amadurecimento em nossa prática”. Com relação a identidade profissional elas admitem que as leituras constitui um elemento indispensável, já que a identidade é construída ao longo do processo de formação e de atuação profissional.

Ao questionarmos como é possível desenvolver nas crianças o gosto pela leitura para que o ato de ler se torne um prazer e não um hábito, as respostas coincidem no que se refere ao despertar desde muito cedo o gosto pela leitura, sendo que uma delas sugere a ludicidade como metodologia para despertar o gosto pela leitura, enquanto a outra enfatiza que em primeiro lugar deve-se conhecer o gosto particular da criança por um determinado gênero literário, utilizando-se dessa afinidade para despertar o gosto pela leitura e posteriormente expandir o seu repertório de leitura.

E por fim, questionadas sobre o que é formar leitores para a vida, as alunas acreditam que é necessário inicialmente que seja despertado o gosto pela leitura e não apenas o hábito, para que o leitor seja capaz de dialogar com o texto e com o autor, criando suas próprias concepções e posicionando-se criticamente diante do que foi lido, desta forma, serão formados leitores para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações apresentadas ao longo do trabalho, pudemos verificar que as leituras realizadas no PIBID são de grande relevância para a aquisição de conhecimentos indispensáveis à nossa (auto) formação enquanto mediadores de leitura e, conseqüentemente formadores de futuros leitores para a vida, os quais se tornarão seres ativos e capazes de se posicionar frente à heterogeneidade existente no contexto social.

O ato de ler, portanto, é um processo de interação entre o leitor e o que foi lido, por meio de informações significativas, este ato deve ser instigado desde muito cedo pra que se torne um ato presente no dia a dia para que se torne um processo sucessivo de interpretação e aprofundamento, tornando-se algo interessante que vise desenvolver o pensamento crítico e reflexivo, ampliando as diversas formas de ler e enxergar o mundo, devendo ser algo prazeroso e espontâneo.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado L (Org); BERVIAN, Pedro A. Métodos e técnicas científicas. In: _____ . **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002, p. 46 – 48.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2007. 94 p.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pressupostos básicos da pesquisa qualitativa. In: _____.
Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 37 – 42.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 152 p.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Quality/Dunya Ed., 1999